

ENTREVISTA

Hillel Ticktin - "A Burguesia está num beco sem saída"¹

- *Olhas para a crise com otimismo. Em que dados e análises sustentas essa ideia, tão contra-corrente?*

Nunca me colocaram esta questão desta forma! (*risos*) Suponho que o primeiro aspecto é eu não ver saída nenhuma para esta crise. Marx define uma crise como a expressão de todas as contradições da sociedade, e eu penso que isso é verdade e não consigo ver uma saída. Por que? Porque parece ser uma questão dos capitalistas investirem mais. Ora, eles não podem investir mais, pois se investem o suficiente para ter um papel relevante na crise, se simplesmente aumentarem o investimento na atividade produtiva, a taxa de lucro vai tender a cair. O nível de investimento pode ser otimizado, mas eles não têm nada a ganhar se investirem para além desse nível!

Por outro lado, a burguesia não quer investir, porque não quer voltar a uma situação de emprego pleno, aliás, ela tem receio do pleno emprego. Não sou o primeiro a dizer estas duas coisas, nos anos 80 já eram afirmadas por uma série de pessoas.

- *Por que é que a burguesia não quer uma situação de pleno emprego?*

Porque não consegue controlar a classe trabalhadora quando existe pleno emprego. Precisa de um exército industrial de reserva, caso contrário, não existe controle possível. De qualquer modo, ela aprendeu a sua lição nos anos 60 e 70, e julgo que decidiu conscientemente que iria acabar com essa situação.

Este é um dos aspectos fundamentais da sociedade moderna: a burguesia chegou a um beco sem saída. Por um lado, não pode ter emprego pleno, por outro, ter desemprego em massa cria descontentamento... Este é um problema sério para o qual não há solução.

- *Referes nos teus artigos que o outro método de controle é o "fetichismo da mercadoria". Queres desenvolver?*

Bem, o que a atual classe capitalista está a tentar fazer é voltar a formas anteriores do capitalismo, com o fetichismo da mercadoria e o exército industrial de reserva, métodos clássicos de controle. Ora, o fetichismo da mercadoria refere-se ao controle dos trabalhadores enquanto mercadoria, tanto na ideologia, como na prática. Este é o fenómeno social e psicológico onde as mercadorias aparentam ter uma vontade independente dos seus produtores.

Na prática, os trabalhadores podem entrar em greve, podem ter aumentos salariais, mas para além dum certo ponto não podem entrar em greve e esperar ter

¹ Entrevista realizada por Raquel Varela e Renato Guedes, e traduzida por de Guilherme Cardoso Lopes.

salários mais elevados, porque ultrapassaram a capacidade de pagamento da firma. A firma tem de ter lucro e se não tiver lucro, vai à falência. Marx dá um exemplo, penso que em 1850, quando falava de revolução permanente, em que os trabalhadores pediam salários mais altos e recebiam-nos, pediam salários ainda mais altos e recebiam-nos igualmente, e assim continuariam a pedir salários cada vez mais elevados até todo o sistema capitalista ir à falência. É uma maneira fantástica de o fazer e o conceito central é claro: a classe capitalista, a menos que queira deixar de existir, tem de estabelecer um limite para o salário que é pedido, tem de ter um teto salarial que é tido em conta quando há greves: senão não tem hipótese. O capital tem de ter lucro, pois é um valor em expansão. E o capital enquanto valor em expansão controla o preço da força de trabalho. Por outras palavras, o que acontece no final é que o capital controla o rumo da força de trabalho enquanto mercadoria, em vez de ser a sociedade a fazê-lo conscientemente.

A outra componente é a ideológica, a ideologia do próprio capitalismo. Mas não podem insistir no fetichismo da mercadoria, porque este está quase morto ideologicamente! O fato dos sindicatos lutarem por salários mais altos, ignorando completamente a questão do lucro, mostra que as pessoas não estão dispostas a acolher o fetichismo, e tem sido assim desde há 150 anos.

- Então é impossível voltar ao século XIX – a única forma da burguesia sair da crise – devido ao falhanço dessas duas formas de controle? Mas por que não pode vigorar o controle por uma massa gigante de desempregados? O exército industrial de reserva...

Não se pode voltar a esse esquema por um longo tempo: é politicamente impossível! No século XIX, a Grã-Bretanha tinha qualquer coisa como 10% de desempregados. Mas um desempregado não faz necessariamente parte do exército industrial de reserva... Marx faz essa distinção, há toda uma série de camadas: se as pessoas estiverem permanentemente desempregadas, não chegam a fazer pressão nos salários de quem está empregado... só o fazem se forem à procura de trabalho e competirem por ele! O problema aqui é a população, já que esta não deseja aceitar uma tal situação. De qualquer forma, um número crescente de pessoas descontentes pode sempre levar ao surgimento de um novo partido político, algo que a classe capitalista não quer.

- Também defendes, cremos, que o fim da União Soviética torna mais difícil à burguesia sair da crise...

Sim, o fim do estalinismo e da social-democracia. Julgo que estes foram a razão fundamental para hoje não termos socialismo. Pode ser que seja apenas por causa do estalinismo, mas já devia ter passado tempo suficiente para que aparecessem outros partidos. Foi o estalinismo que destruiu a oportunidade com a chamada “coletivização”, que nunca foi verdadeira coletivização, que matou milhões e causou fomes – os protestos na Ucrânia foram motivados em parte por essa razão –, e, em

seguida, matou milhões nas purgas. Quem sabia os detalhes não podia apoiar aquilo, mas milhões ainda o apoiaram, talvez porque não compreendessem o que por lá se passava. Quando as pessoas perceberam, tornaram-se cínicas em relação ao socialismo.

Em cima disso, há a questão do Stálin e dos estalinistas terem feito o possível para garantir que o socialismo não surgia na Europa Ocidental, assim como noutras partes do mundo. Sabe-se que Zhukov queria marchar de Berlim até ao Oceano Atlântico e Stálin impediu-o.

O estalinismo controlava os partidos comunistas e não era preciso estar num para saber isso, tornou-se evidente com o passar do tempo. Havia agentes do NKVD ou do KGB no topo de cada partido comunista, eram controlados. Stálin queria cumprir os acordos que tinham sido feitos em 1945 em Yalta e Potsdam com os países capitalistas, e os seus sucessores também, pelo que não permitiam que um partido comunista subisse ao poder noutro país. Sabe-se que nem sequer queriam apoiar os Vietnamitas e só o fizeram quando se tornou inescapável. Na verdade, a menos que se afastasse de Stálin, não era possível a um partido comunista subir ao poder. Foi o que aconteceu na China e na Iugoslávia, apesar de terem subido ao poder como estalinistas.

Já a social-democracia, como hoje a entendemos, surgiu em 1919. Claro que havia o Partido Social-Democrata na Alemanha, era o maior partido socialista no mundo, e teve um papel crucial na evolução do marxismo. Mas, em 1919, depois da Revolução Russa, e depois da revolução na Alemanha, que trouxe o fim à 1ª Guerra Mundial, os sociais-democratas subiram ao poder e estiveram diretamente envolvidos no assassinato de Rosa Luxemburgo e de Karl Liebknecht. Foi aí que Trotsky disse, e com razão, que eles haviam traído a revolução, porque podiam ter tomado o poder em 1918, mas não tiveram interesse nisso. A Alemanha manteve-se instável até 1923, os sociais-democratas tinham deixado efetivamente de ser socialistas e, no entanto, essa social-democracia tornou-se dominante dentro do movimento socialista, com a exceção, claro, do estalinismo. Por outras palavras, tornou-se um partido reformista, um partido que lutava por esta ou aquela concessão, mas que já não defendia o socialismo e, com o passar do tempo, foi ficando pior.

Por isso, considero um avanço o fato de já não terem espaço para existir, na medida em que já não podem enganar os trabalhadores. De certa forma facilita o trabalho aos revolucionários, pois não existe um partido entre a extrema-esquerda e a direita, pelo que a única alternativa é a extrema-esquerda. Infelizmente, a extrema-esquerda tem provado a sua inutilidade, mas não estou a contar que isso perdure. Depois de 1968, a população moveu-se para a esquerda, a produção literária e intelectual era francamente boa, e eu espero que isso volte a acontecer – uma movimentação para a esquerda.

- Mas se as pessoas continuam a associar o socialismo ao estalinismo, não achas que isto é relevante a nível político?

Sim, acho. Mas também acho que a esquerda tem de deixar claro que é contra o estalinismo... e, muitas vezes, não o deixa claro!

- Podias definir o que é uma crise?

Bem, ou a palavra crise implica que o sistema esteja com problemas ou, caso contrário, não faz sentido usar esse conceito. Os períodos de crise, isto é, de recuperação e recessão que ocorreram a partir de 1945, depois da II Guerra Mundial, foram sempre muito curtos e, basicamente, causados pelos próprios governos com as suas medidas anticíclicas, que faziam com que a economia fosse abaixo para, então, se recuperar a taxa de acumulação. Por outro lado, quando a economia crescia, era porque os governos adotavam políticas de estímulo. Embora aqueles períodos sejam chamados de crise, não eram, na minha opinião, crises como a de hoje, mas simplesmente movimentos cíclicos, isto é, não espontâneos, e que eram induzidos pelos governos. Isto verifica-se de fato com a crise do governo de Reagan, que começou em 1979-1980 quando Paul Volcker, Presidente da Reserva Federal dos Estados Unidos, aumentou consideravelmente as taxas de juro, ou seja, reduziu o fluxo de dinheiro e o resultado foi... uma séria recessão.

Com o fim da Guerra Fria, começmos a ter algo mais próximo de uma verdadeira crise. Em 1987, ou seja, pela primeira vez desde a década de 1940, a bolsa caiu nos Estados Unidos. A situação revelou-se tão grave que o governo teve de emitir instruções aos corretores da bolsa para que estes impedissem, a todo o custo, que a bolsa continuasse a cair. O resultado foi que, passados alguns dias, os preços das ações começaram a subir.

Depois, houve um período de recessão em 1989 e que durou até 1993: era o começo das crises modernas, mais genuínas. Após esse período, o governo dos Estados Unidos, através do Banco Central, começou a ser mais cuidadoso. Havia realmente o medo de que a economia fosse abaixo e que tal podia realmente acontecer. Por essa razão, Alan Greenspan tornou-se Presidente da Reserva Federal, com muitas cautelas para não aumentar a taxa de juro, tendo sido, aliás, atacado pela possibilidade de inflação, etc...

Por outro lado, o que aconteceu no período a partir de 79, foi que a classe capitalista se deslocou para o capital financeiro – em resposta à ação da classe trabalhadora dos anos 70. Tinha-se tornado claro para ela, por volta de 1970, que estaria em apuros a menos que alterasse a *forma* que tinha definido em 1945... e a verdade é que não conseguiam controlar a classe trabalhadora. Assim, se era necessário restaurar o exército industrial de reserva, havia não só que garantir que não havia pleno emprego, como tinha de haver desemprego em massa.

Ora, em países desenvolvidos é muito difícil atingir o nível de desemprego necessário para controlar a classe trabalhadora... e não é tecnicamente, mas difícil politicamente! Assim, o capitalismo tem de estar necessariamente em mau funcionamento... Um aumento do desemprego implica, como é óbvio, uma redução

na procura da força de trabalho de modo a garantir a ausência de pleno emprego. O objetivo: aumentar o exército industrial de reserva de modo a garantir uma taxa de lucro mais elevada. E foi isso, de fato, o que aconteceu. Feito de uma forma mais ou menos empírica, houve uma mudança deliberada na política, no sentido de deslocar a indústria dos países de hemisfério norte para os países do terceiro mundo. Por exemplo, na Grã-Bretanha, em 1979, a taxa de lucro era cerca de 1%, um valor muito baixo, pelo que o efeito desta deslocalização foi extremo: três milhões de pessoas perderam o emprego em 1980. O que quero dizer com isto é que, enquanto deslocavam a indústria para fora do país, estavam a voltar-se para o capital financeiro, o que significava que os lucros, ou uma parte dos lucros, vindos da indústria, iam para o capital financeiro. Mais tarde, virá a deslocalização para a China.

Mas o capital financeiro é necessariamente parasitário e com uma perspectiva de curto prazo. Recordo que, na Grã-Bretanha, se contava com um retorno de capital no prazo de 18 meses. Assim, com a mudança para o capital financeiro, que começou a apertar com a indústria, surgiu a mudança política para o que é chamado de neoliberalismo, ainda que, na verdade, seja verdadeiramente a política do capital financeiro. Não é uma política independente. Não é algo que foi inventado subitamente. É apenas a teoria política empírica que o capital financeiro exige para poder obter os lucros que deseja. Por isso, o capital financeiro exige da indústria que seja o mais eficiente possível no mais curto tempo possível – e isto requer o mínimo de trabalhadores possível, a fim de obter a maior taxa de lucro realizável.

Portanto, tivemos a mudança, mas o problema, que então se colocou, foi: o que fazer com o dinheiro que o capital financeiro vai receber? Tira-o duma indústria produtiva e simplesmente coloca-o num setor improdutivo? Mas o capital financeiro não pode investir em si mesmo, pois não produz mais-valia! Por isso, dado que há a necessidade de investir o capital em alguma atividade produtiva de valor, de uma forma geral não pode funcionar.

Digo isto por dois motivos: primeiro, porque se estava a tirar o dinheiro da indústria; segundo, porque nós não vivemos no mundo que a burguesia, ou os seus governos, gosta de descrever... não vivemos no mundo da pequena indústria! Há muitas pequenas empresas, muitíssimas pessoas estão empregadas nelas, mas a indústria predominante é a do grande capital. Ora, a maioria das pequenas empresas está ligada a grandes empresas e o exemplo da indústria de automóveis é suficiente para o demonstrar. É que compensa às grandes empresas terceirizar, pois não têm de pagar os salários que, de outro modo, teriam que pagar. Na realidade, essa tem sido a tendência dos últimos 30-40 anos: organizar a indústria de automóveis, especializando e fragmentando o processo produtivo, e mover setores da produção para as empresas menores, que pagam menos aos seus trabalhadores, onde há mais dificuldades na constituição de sindicatos, etc. Assim, como as pequenas empresas estão dependentes das grandes empresas, é errado considerá-las como uma força independente.

Do ponto de vista das grandes empresas – que são, basicamente, empresas monopolistas –, há um nível ideal em que podem funcionar, onde obtém a taxa de

lucro mais alta possível. Esse nível ideal tem de ser inferior à quantidade de mercadorias que podem realmente produzir, porque quanto mais vendem, mais o preço baixa; por isso, para uma empresa monopolista, existe uma dada altura em que tem de parar de produzir mercadorias, e essa altura, para atingir o nível ideal em termos de produção e custos, encontra-se sempre abaixo do potencial de produção. Isto significa que não podem investir mais, que foi atingido um nível em que não há nada a ganhar com o investimento na indústria, porque quanto mais dinheiro é colocado, menor é o retorno desse dinheiro. Assim, existe um limite fixado, efetivamente.

Por isso, como não podiam investir na indústria da mesma forma que anteriormente, passou a haver uma menor taxa de crescimento. Não é que não tenha havido crescimento ou desenvolvimento da indústria, claro que houve! Até houve novas empresas aparecendo, mas foi um crescimento muito limitado. Isto foi um problema enorme para a indústria, para o capital financeiro, de fato, para qualquer pessoa com dinheiro, pois não era claro onde é que podiam investir e conforme mais e mais dinheiro era canalizado para a classe capitalista como um todo, o problema tornou-se cada vez maior... quase não havia onde investir, e é possível constatar isso hoje!

Até aqui, estamos em meados dos anos 90. O que estou a explicar são os problemas que se encontraram quando a classe capitalista tentou uma maneira de investir que atingisse uma taxa de retorno razoável a curto prazo. É óbvio que se controlarmos o capital financeiro e o capital financeiro apertar o principal setor produtivo, então vamos atingir aquele limite, e foi precisamente isso que aconteceu. O resultado foi a exportação de capital para a Ásia Oriental, e quando houve problemas no Leste da Ásia e o dinheiro saiu de lá, os países do Leste Asiático viram-se em apuros, ou seja, também eles falharam enquanto meio de elevar a taxa de lucro. A mesma coisa aconteceu atualmente: o dinheiro que tinha ido para o terceiro mundo no princípio da crise, está agora a voltar para o primeiro mundo, e isso desencadeia uma crise, como aconteceu no Brasil. A China está em apuros, apesar de estar em apuros de forma independente. Mas o otimismo que tinham, do terceiro mundo puxar o primeiro para fora das crises, desapareceu e desapareceu quando o terceiro mundo ficou também em apuros.

Duma certa forma é semelhante ao que aconteceu, embora em muito menor escala, em 1997. Tivemos o colapso do fundo de gestão de capital de longo prazo, que foi uma tentativa falhada de fazer dinheiro através do capital financeiro. Com mais de um trilhão de dólares em risco, o governo foi obrigado a intervir. Depois houve o colapso das *Dot.com*, houve uma recessão e a bolsa caiu a pique em Março de 2000. Num certo sentido, ainda estamos a viver esse período, uma vez que, quando a economia caiu em Março de 2000, o que a puxou para cima de forma limitada – só de forma limitada, porque a taxa de crescimento manteve-se baixa desde então – foi, em primeiro lugar, o 11 de Setembro, e, em segundo, a invasão do Iraque, isto é, um aumento substancial das despesas no setor militar. Sem a guerra, nunca teriam

alcançado o pico de despesas no setor militar que alcançaram em 1986, quando havia algo como 8,5% do PIB dos EUA a ser gasto em armamento. Ora, em 1997, tinha caído para 3%... só por aqui se pode ver a importância da Guerra Fria!

Por que é que a Guerra Fria manteve a taxa de lucro mais elevada?

Bem, a Guerra Fria foi a perfeita justificação para manter um grande setor militar. Por volta de 2000, o setor militar correspondia a algo como 300 bilhões de dólares e julgo que agora anda à volta dos 600 e qualquer coisa bilhões de dólares. É esse valor que o governo dos EUA pede, oficialmente, ao Congresso todos os anos. O valor real é consideravelmente mais elevado, por estar escondido em vários outros orçamentos, mas é mais fácil perceber a relação quando se olha para os dados em termos de percentagens do PIB. A particularidade do setor militar é que é uma aceitável forma nacionalizada. A burguesia considera um setor militar nacionalizado como perfeitamente normal e razoável.

Uma última questão: como imaginas uma sociedade socialista?

Penso que temos de construir a nossa argumentação com base em duas objeções imediatas – por causa dos ataques ao marxismo.

Primeiro temos de defender que o controle vem de baixo. Podíamos chamá-lo democrático, mas essa palavra pressupõe um Estado e o Estado tem de ser abolido. Tem de haver mecanismos que, genuinamente, dão poder de controle às pessoas sobre a sua existência, onde trabalham e como se associam em sociedade.

Em segundo lugar, eu partiria do indivíduo e não do coletivo. As pessoas têm sido subjugadas pelo coletivo nos últimos 100 anos, em nome do que quer que seja. É melhor partir do indivíduo e mostrar o quão importante a sociedade ou o coletivo é para o indivíduo, mostrar que o indivíduo não pode existir fora da sociedade e que o indivíduo é forçosamente social. Há que mostrar que, pela primeira vez, o indivíduo pode ser livre.